



Oiha...Enfão todos a olhar, agora!
Nodar 2011, Instalação



Oiha...Enfão todos a olhar, agora!
Nodar 2011, Instalação



Olha...Estão todos a olhar, agora!
Nodar 2011, Instalação



Olha...Estão todos a olhar, agora!
Nodar 2011, Instalação



Olha ... estão todos a olhar, agora!
Instalação sonora e fotografia
Nodar 2011

Como propor a um novo espaço as imagens provenientes de um outro espaço e tempo? Como é que esse novo espaço e tempo se relaciona e que alterações acomete às imagens que eu lhes propus? Estas são as questões iniciais que coloco quando translado para Nodar um trabalho fotográfico e performativo realizado em sítio urbano.

Levantam-se assim questões da dinâmica da obra/objecto, característica da contemporaneidade.

A obra não é mais estática, é repensada adaptada e transformada, pela transferência.

Oito fotografias -imagens da loucura - dispostas em círculo, acompanhadas por um fundo sonoro, provenientes de uma performance feita num outro lugar. A disposição circundante quer do som quer das imagens, invoca uma redoma que fecha o campo de acção onde se pretende que os espectadores circulem. Quem vê fica envolvido numa teia formada pelo tecido denso das árvores, das imagens e do som, quase agressor. Nesta recontextualização, atribuem-se novos discursos, novas linguagens, novas camadas de sentido.

Pretende-se um sentido de visita, de entrada nesse círculo, às imagens e ao som talvez também gerado pela perda de contacto com a realidade, ou de uma realidade completamente descontextualizada.

Pretensamente inalcançáveis, as fotografias suspendem-se e entremeiam-se nas árvores.

Impressas em papel vegetal procuram nessa matéria a condição de transparência e de reacção com o envolvente onde estão expostas. Buscam ainda mediar e enfatizar o *velum* presente na imagem.

Como aponta Flusser, *fotografias são biombos que se interpõem entre nós e o mundo*. Estas imagens que suspendem um momento de uma acção performática, transfiguram a realidade na procura de um sentido de loucura. Fotográficas, essas imagens, não declaram a pretensa realidade da loucura senão um real transfigurado.

O real é referencial.

As imagens vislumbres, desse, que sabemos reconstruída, quer pela encenação quer pela tentativa de decifração personificada, a vontade de perscrutar, enceta uma ligação visceral a essa referência de realidade intentada pela cristalização de cada momento de encenação.

Atribuir-lhe sentido, realidade, impossível. A ocultação/desocultação chega-nos pelo *velum* da imagem, barreira que se interpõe entre esse real referencial, entre o actuante dessa loucura e entre quem vê. É nesse espaço de mediação, nesse intervalo, que o trabalho se desenvolve. Afinal um espaço que é tudo e é nada.

É nesse espaço também que o som nos agride. O primeiro momento da instalação é sonoro, chamamento ao espaço da imagem.

Som e imagem quase atentam o diálogo. Mas o som é de monólogo, desafiador atirado por uma voz masculina. é de homem talvez também in(sano) que espontaneamente comenta os gestos performáticos. A resposta dada pelas imagens femininas é conscientemente indiferente, contudo o vaivém de forças que os ligam, esse espaço inconcreto, está presente. E é nele que se chama ao diálogo.

A mobilização desse corpo sonoro completamente descontextualizado da sua proveniência (sítio urbano) atribui nesta instalação uma outra camada de sentido. Fala também da incomodidade.

Agressiva, essa camada sonora transposta agora para um sítio rural, natural, enfatiza o *non sense* da situação.

O teatro está montado, sem um dos actores saber.